



EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: FEMINISMOS E LESBIANIDADES EM DIÁLOGO

EDUCATION AND COMMUNICATION: FEMINISMS AND LESBIANITIES IN DIALOGUE

Daniela Aua¹

<https://orcid.org/0000-0002-9805-1708>

Cláudia Regina Lahni²

<https://orcid.org/0000-0001-6503-7179>

Resumo:

O presente artigo analisa ações do projeto de extensão intitulado “Flores Plantam Observatório de Raça e Gênero em Minas Gerais e Todas Colhem Igualdade”, desenvolvido a partir de atividades de docência, pesquisa e extensão nos anos de 2017 e 2018, em Universidade Federal da Região Sudeste. O projeto citado e o presente artigo partem do conceito de diálogo, proposto por Paulo Freire, para refletir sobre possibilidades de conjugar comunicação, educação, feminismos e lesbianidades. Trata-se de perspectiva na qual Educação e Comunicação se apresentam como áreas de interface, com o objetivo de desenvolver práticas libertadoras e de fortalecer teorias emancipatórias. Especificamente, no presente texto, faz-se a reflexão sobre a representação de determinados grupos e, em especial, as mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais nos espaços educacionais e midiáticos. Procura-se, assim, tecer considerações que contribuam para a compreensão da relevância de diálogos que suscitem o fortalecimento da Comunicação para a cidadania democrática e da Educação para o fomento de práticas libertadoras.

Palavras-chave: feminismos; educação; comunicação.

Abstract:

This article analyzes the actions of the extension project entitled "Flowers Plant the Observatory of Race and Gender in Minas Gerais and All Harvest Equality", developed from teaching, research, and extension activities in 2017 and 2018 at the Federal University of the Region Southeast. The aforementioned project and this article are based on the concept of dialogue, proposed by Paulo

¹ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus de Sorocaba (PPGE^d-So/UFSCar) – Sorocaba (SP) – e também docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF) – Juiz de Fora (MG) – Brasil.

² Professora Titular da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora (MG) – e docente permanente do Programa de Pós-Graduação Estudos da Condição Humana, da Universidade Federal de São Carlos (PPGECH-UFSCar-So) – Sorocaba (SP).

Freire, to reflect on the possibilities of combining communication, education, feminism, and lesbianism. It is a perspective in which Education and Communication are presented as interface areas, with the objective of developing liberating practices and strengthening emancipatory theories. Specifically, this text reflects on the representation of certain groups and, in particular, lesbian, bisexual and transsexual women in educational and media spaces. The aim is, therefore, to make considerations that contribute to the understanding of the relevance of dialogues that encourage the strengthening of Communication for democratic citizenship and Education for the promotion of liberating practices.

Keywords: feminisms; education; communication.

UMA INTRODUÇÃO SOBRE ENSINAR A TRANSGREDIR

“Nenhuma palavra é solitária ou jogada ao nada, ela é vivida e ideologicamente constituída. Toda palavra pressupõe o outro e o mundo. (...) Quando a palavra própria é enunciada, ela se faz na comunidade, no ato coletivo, ela é polifônica. E nos desvela um caminho: libertar-se e libertar o mundo devem ser um único e mesmo ato”. (Paulo Freire)

A reflexão é de Viviane Mendonça (2020, p. 71), pesquisadora da área da Educação, em artigo no qual lembra o esperar de Paulo Freire. A autora salienta que, para Freire (1997), se trata de uma esperança crítica, “movida por nossa potência para pensar e agir” (Mendonça, 2020, p. 60). Nesse sentido, a educação da esperança “nos salvaria do desespero, do ressentimento, daquilo que nos paralisa no fatalismo”. Viviane Mendonça ressalta que “na esperança se encontra a consciência de Freire sobre a miséria, as mazelas sociais e a opressão vividas no mundo, que pode, por um lado, nos impelir para a necessidade de transformação, o que seria apenas possível pela potência criativa. (...) Freire nos apresenta a concepção de história como possibilidade, construção constante, devir”. No mesmo pensamento, Angela Davis é citada por Mendonça (2020, p. 59): “o fato de estarmos fazendo algo agora, mesmo que pareça não estar fazendo uma grande diferença, irá fazer uma grande diferença”.

Por sua vez, Denise Cogo (1998, p. 29), pesquisadora da Comunicação, menciona que “o educador Paulo Freire desponta como o grande inspirador de toda essa corrente latino-americana que passa a promover e a pensar criticamente a comunicação do continente” (a comunicação alternativa e comunitária). A autora escreve que “a teoria da comunicação dialógica e libertadora proposta pelo educador brasileiro como superação de um modelo de ‘educação bancária’ se coloca como a grande chave para o entendimento e a construção de uma proposta de comunicação”. Cogo (1998, p. 31) aponta que “Paulo Freire já havia lançado as bases para o entendimento da relação entre o universo da comunicação e o da cultura”. É enquanto ser de lações, de contatos, não apenas “no mundo”, mas “com o mundo” que o ser humano cria, recria e dinamiza a vida, “fazendo cultura em comunicação com os outros. Ao contrário, no mundo da não comunicação, comparado por Freire à educação formal bancária (mera transmissão de informação), só há lugar para a ‘cultura do silêncio’.”

Com base em trabalhos de Paulo Freire, é sobre essa intersecção entre Educação e Comunicação, em prol da visibilidade e da voz de minorias, que refletimos neste artigo. Nele, apresentamos um Projeto de Extensão – em especial, uma ação que o compõe – que busca contribuir para fortalecer a identidade e cidadania de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais.

Isso em um cenário de violência física e simbólica contra a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). O “Número de LGBTs assassinados no Brasil cresceu 10,1% entre 2017 e 2018”, como noticia o site Metrôpoles - de Brasília -, em 10/09/2019. Assinado por Anderson Costolli, o texto informa que o Anuário Brasileiro de Segurança Pública trouxe, pela primeira vez, recorte específico de casos relacionados à violência contra a população LGBT. Sabemos que tal violência física é acompanhada, reforçada e, muitas vezes, repetidamente precedida, por violências simbólicas, as quais precisam ser combatidas e eliminadas. Nesse sentido, como mencionado, no presente texto refletimos sobre Educação e Comunicação, em prol de ações pela identidade e cidadania de mulheres Lésbicas, Bissexuais e Transexuais, também nomeadas com a sigla LBT.

Lembramos que, em 2019, presenciava-se no Brasil – onde as pressões de grupos ultraconservadores têm se intensificado nos últimos anos – o acirramento do embate entre os ideais de sociedade democrática e aqueles grupos, cuja pauta se centra em uma agenda moralista e com forte pressão para o desmonte da educação pública. Tais tensionamentos correspondem também às tentativas de afastar projetos de construção da comunicação plural e representativa tanto da seara pública e mais ampla da sociedade quanto especialmente da educação, em todos os níveis e modalidades de ensino. Exemplos desse cenário são cortes nos orçamentos das universidades federais do país e nas bolsas de pós-graduação, oferecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Os cortes no orçamento e as ameaças de extinção da Agência Nacional do Cinema (Ancine) também se somam a essas investidas contra a educação pública, embora em outra seara, a saber, aquela que tem no escopo de suas funções o fomento, a regulação e a fiscalização do mercado do audiovisual no Brasil³.

Como percebe-se na atualidade, muitas vezes, quando a educação e a comunicação são consideradas em suas intersecções com as questões de gênero e sexualidades, os ataques surgem de forma especialmente acentuada, de modo a acirrar ânimos de ódio e de maneira a conchamar o extermínio contra populações inteiras. Como exemplo, em 2019, por parte do governo federal, houve a sugestão de “abortar” projetos audiovisuais inscritos em edital público de produção com a temática diversidade de gênero⁴ e a elaboração de projetos com propósito de supostamente combater - a erroneamente chamada – “ideologia de gênero”. Esses são acontecimentos mais recentes, mas a fabricação da narrativa que clama pela necessidade de “resgatar a moral” que estaria se perdendo e que acoberta as tentativas de impedir os debates legítimos de ideias, vem se fortalecendo nas últimas décadas, como apontam Daniela Auad, Janaína Guimarães da Fonseca e Silva e Camila Roseno (2019), inclusive em projetos de lei pretensamente proibitivos em flagrante inconstitucionalidade.

Tal situação que fere minorias sociais – mulheres, negros, negras e LGBTs – piora a partir de 2020, com a pandemia do novo coronavírus, que, no Brasil, em outubro de 2021, já matou mais de 600 mil pessoas e atinge em especial as mais vulneráveis. Sobre isso, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) apontou que, “sem serem aceitas em suas famílias, pessoas LGBTs vivem espécie de ‘quarentena dentro da quarentena’, o que acentua quadros de sofrimento

3Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/em-ofensiva-contra-ancine-bolsonaro-corta-43-de-fundo-do-audiovisual.shtml> acesso em 10 set 2019.

4Informação disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/projetos-de-serie-que-bolsonaro-quer-abortar-sao-finalistas-na-linha-diversidade-de-genero-de-edital-publico-23882963> acesso em 10 set 2019.

psicológico”, além dos problemas com o desemprego e violência física que aumentaram (Coletivo LGBT MTST, 2020). Por sua vez, a Confederação Nacional de Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (Contee) publicou uma reportagem intitulada “Por que as mulheres sofrem mais nas pandemias?” (Medeiros, 2020), em que lembra a dupla jornada de trabalho e outras formas de violência sofridas pelas mulheres.

Partindo desse contexto, no presente artigo, é utilizado o conceito de diálogo encontrado na obra de Paulo Freire (1987 e 1997) para se refletir sobre possibilidades de conjugar o cinema (pensando o filme como arte, comunicação e cultura) e o debate feminista, na perspectiva da educação e da comunicação libertadoras, com especial destaque para a visibilidade das mulheres LBTs (lésbicas, bissexuais e transexuais). Dessa forma, este texto se vale da descrição e reflexão sobre uma ação específica - dentro de um projeto específico. O nome da ação é Cine Sapatão e Roda LesBi, realizada entre 2017 e 2018, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Com a realização desse projeto e a reflexão acerca dele se busca tecer considerações que contribuam para a compreensão da relevância do diálogo no fortalecimento dos ideais democráticos, dentro das instituições de ensino superior.

No livro *Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade* (2017), bell hooks⁵, intelectual negra, teórica feminista, professora e crítica cultural estadunidense, dedica um capítulo à construção de uma conversa consigo mesma, na qual relata como a obra de Paulo Freire influenciou sua formação como educadora. Para ela, a obra de Freire foi essencial para encontrar uma linguagem política, para elaborar sua luta enquanto mulher negra em uma realidade classista e racista.

A feminista negra estadunidense relata como a obra de Freire foi fundamental para que ela embasasse sua concepção de sala de aula como lugar de entusiasmo e nunca de tédio (hooks, 2017, p. 16). Ao lado disso, a intelectual também relata como busca lidar com o sexismo presente na linguagem de obra do autor. Este, nos dizeres de hooks, apresenta tal limitação como marca de variados pensadores críticos progressistas do Terceiro Mundo, como Fanon e Memmi, cujo paradigma de libertação acaba por se revelar falocêntrico e com a existência de um “ponto cego”. Apesar disso, hooks atesta a importância de aprendermos com as percepções desses pensadores e não se perde na cilada no anacronismo. A autora compara seu encontro com a obra de Paulo Freire como a de uma pessoa que está sedenta, encontra água com um pouco de terra e, apesar da terra, aproveita as qualidades da água, dela se hidratando, posto que “encontrar uma obra que promove nossa libertação é uma dádiva tão poderosa que, se a dádiva tem uma falha, isso não importa muito” (hooks, 2017, p.71).

É também desse ponto de vista que o presente artigo compartilha, procurando compreender e significar o fazer educativo como um caminho de resistência às ideias antidemocráticas e possibilitando o diálogo entre pensadoras e pensadores militantes do que percebemos como o amplo e rico campo das teorias emancipatórias e libertárias. O presente artigo ainda retoma o ideário freiriano na perspectiva de fazê-lo dialogar com algo que provavelmente não estava no horizonte do autor na época de suas elaborações teóricas e ações práticas. Trata-se de travar o diálogo entre Paulo Freire e os movimentos sociais das mulheres LBTs e, ao fazê-lo, trazer os

5 Em letras minúsculas como é a preferência da autora.

olhares clássicos e que nos são caros para dialogar com sujeitos atuais, para adensar a representatividade de grupos significativos e para conhecer novos objetos.

Nesse sentido, o projeto abordado no presente texto desdobra-se na ótica do compromisso de pensar possibilidades da aliança entre educação e comunicação, com especial destaque neste artigo para uma fruição crítica do ato de exibir e debater produções fílmicas. Da mesma forma, focalizamos ainda, a visibilidade às mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais, como maneira de fortalecer e emancipar variadas minorias como essas citadas e tantas outras. Nesse sentido, as docentes e pesquisadoras que realizaram o projeto escolheram, assim como hooks e Freire, a transformação e a utilização da educação e da comunicação como um antídoto:

Então, acho que aos educadores, enquanto políticos — desde que tenham uma opção de transformação da sua sociedade e não de preservação da sua sociedade tal qual ela está —, aos educadores que não estão satisfeitos com essa concepção consumista do mundo, cabe ver o que é possível fazer como antídoto à alta força manipulativa ou ideologizadora de alguns desses meios de comunicação. (FREIRE; GUIMARÃES, 2013, p.357)

EXIBIR E DEBATER COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

As ações de exibição e diálogo em torno de obras fílmicas, desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Comunicação e Feminismos - Flores Raras (FACED-UFJF-CNPQ), em diferentes espaços dentro e fora da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, empenharam-se na abertura de um espaço de fala e de escuta, com trocas em coletividade, para discutir as vivências de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais na universidade e na sociedade, em perspectivas feministas.

Importa destacar que as ações tiveram como alvo mulheres cisgêneras e transgêneras, sendo elas lésbicas, bissexuais, assexuais, heterossexuais ou com qualquer outra forma de expressão de sua sexualidade, ao pensar que os avanços alcançados por mulheres LBT são avanços de todas as mulheres e, assim, tornando-se parte da luta, da resistência e do processo de transformação social para todas as pessoas.

O Cine Sapatão e a Roda Lesbi, realizados sempre conjuntamente, aconteceram no escopo do Projeto de Extensão Flores Plantam Observatório de Raça e Gênero em Minas Gerais e Todas Colhem Igualdade, ocorrido em 2017 e 2018. Tal projeto tinha entre seus objetivos a “promoção e articulação de políticas públicas capazes de assegurar os direitos das mulheres em seus múltiplos femininos, em construção cotidiana e histórica e em variadas frentes de combate ao racismo, às desigualdades de gênero e às lesbo/bi/transfobias”⁶. As sessões do Cine Sapatão e Roda LesBi reuniam, em média, 30 mulheres, que, após a exibição do filme, dialogavam sobre o mesmo, em eventos organizados em forma de um cineclube.

Cabem aqui algumas considerações sobre as práticas de extensão. O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, nas universidades, está presente no artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), além da previsão de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. A introdução desse artigo na legislação proveio do “Fórum da Educação na Constituinte”, partindo da reunião

6 Retirado do relatório final de execução do projeto.

de entidades sindicais e científicas do campo educacional. Essa elaboração, que associa a autonomia universitária e a necessidade de ter três frentes de trabalho, se ancora num ideal de universidade que busca atender às necessidades da maioria da população e não se voltar para os interesses exclusivos da criação de uma elite intelectual ou para a produção de conhecimento que beneficie grupos já dominantes (MAZZILLI, 2011, p.206).

Pesquisa e Ensino são atividades que atingem a sociedade como um todo, considerando que a formação profissional e acadêmica oferecida pelo ensino e o pensamento científico desenvolvido na pesquisa tenham relação com esse propósito. Porém, é na extensão que costuma se concentrar o pensamento voltado mais direta e imediatamente para a relação entre universidade e população em geral. Essa dinâmica relacional ocorre, por exemplo, quando da prestação de serviços que atendam a comunidade escolar, não composta exclusivamente de alunos/as e servidores/as da instituição, mas todas as pessoas que, de diferentes maneiras, frequentam e/ou passam pela escola e se relacionam com a unidade escolar mais especificamente, onde ocorre a extensão. O trabalho de extensão associado à pesquisa e ao ensino foi idealizado numa expectativa de constituição de uma universidade que pudesse cumprir um papel de mudança social. Conforme afirma Sueli Mazzilli (2011), embora introduzido na Constituição com tal princípio, posteriormente muitos desses interesses deram lugar a pensamentos evadidos por um sentido mais utilitarista do fazer universitário. Vale lembrar, por outro lado, que, em 2020, passou-se a discutir – para a implantação – a inserção da Extensão nos currículos da graduação, nas universidades, reforçando-se a importância da mesma.

No livro *Extensão ou Comunicação* (1977), Paulo Freire analisa o trabalho do agrônomo extensionista, cuja ocupação no contexto da reforma agrária seria o de auxiliar o camponês, através dos conhecimentos técnicos científicos, com a produção agrícola. O autor parte de um exame do termo para propor que seria mais adequado um trabalho pautado na dialogicidade, na comunicação:

Repetimos que o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. (FREIRE, 1977, p.36)

Para Paulo Freire (1977, p. 69), “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. É por isso, que o autor responde negativamente ao termo “extensão” e é favorável à “comunicação”.

Para defender a tese de que os conceitos de Paulo Freire sobre comunicação perduram na atualidade, o autor Venício Lima (2004) dedica-se às ideias do educador, em especial, em dois capítulos do livro *Mídia: teoria e política*. Lima avalia que, mesmo 30 anos depois de Paulo Freire ter formulado seus conceitos, eles ainda contribuem para a sociedade, ainda que hoje ela tenha se tornado a “sociedade interativa” ou a “sociedade de redes”. O autor baseia-se, principalmente, em *Extensão ou Comunicação?* para sustentar seus argumentos. Para Lima, nesse ensaio, Freire reconhece o potencial da mídia no processo de ação cultural para a libertação, além de atribuir a ela “um extraordinário poder ideológico”.

Lima acredita que, quando Paulo Freire afirma em *Extensão ou Comunicação?* que “o mundo social humano não existiria se não fosse um mundo capaz de comunicar” e prossegue dizendo que “o mundo dos seres humanos é um mundo da comunicação” (p. 66), ele (Freire) coloca este campo como o elo principal das relações entre os seres humanos na sociedade. Para Lima, quando dois indivíduos se comunicam há uma relação social transformadora.

Diante de tais reflexões, Lima faz uma crítica aos estudiosos das comunicações que ignoram as obras pertinentes em outros campos de estudo. Para o docente da área de Comunicação citado, a área enfrenta novas turbulências com a revolução digital e as tecnologias interativas. E, para lidar com esses novos desafios do mundo contemporâneo, é preciso entender que o conceito de comunicação dialógica de Paulo Freire é capaz de humanizar e despertar, de modo a potencializar nas pessoas o pensamento crítico. Além de contribuir para a libertação delas em relação a opressores que ditam as regras, fazendo com que conquistem o direito à voz; o direito de pronunciar suas palavras.

A abordagem adotada no projeto Flores Plantam Observatório de Raça e Gênero em Minas Gerais e Todas Colhem Igualdade não considera os fazeres e saberes acadêmicos como únicos possíveis, mas como desenvolvidos no intuito de compreender as dinâmicas sociais e, como parte integrante delas, contribuir para o combate às várias formas de opressão, inclusive no interior da universidade. Tal visão coincide com aquela citada por Paulo Freire, para quem o pensar não ocorre isoladamente, mas na coparticipação, com sujeitos que se unem, ao substituírem o pensar individual por uma prática de comunicação (FREIRE, 1977, p.66).

O mencionado Projeto de Extensão é estruturado a partir das pesquisas de suas integrantes e se relaciona com disciplinas lecionadas, na graduação. Assim, tem-se a teoria e a prática, o pensamento e a ação em movimento, que tanto estão na base das ideias freirianas.

Em *Ação cultural para a liberdade*, Paulo Freire (1978, p.10) nos aponta que “estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto”. É possível entender que tal ideia vai ao encontro da necessidade de organização das mulheres, em especial das lésbicas, bissexuais e transexuais, como no ambiente mencionado, universitário, com espaço no ensino, na pesquisa e extensão.

Ao pensarmos nos espaços, na Universidade, no Centro de Referência de Direitos Humanos – ocupados nas ações do Projeto de Extensão –, especialmente na situação de exibição e debate de filmes sobre mulheres lésbicas, negras, bissexuais e transexuais, vislumbramos uma significativa e numerosa participação feminina que nos leva, novamente, a refletir sobre a necessidade de enfrentar a cultura do silêncio e, nesse sentido, lembramos o legado de Paulo Freire quanto à educação para as mídias. O educador salienta que

[...] transformar o mundo através de seu trabalho, ‘dizer’ o mundo, expressá-lo e expressar-se são o próprio dos seres humanos. A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade (FREIRE, 1978, p.24).

Paulo Freire reforça a urgência de mudança radical da sociedade, com o objetivo de busca pela igualdade e respeito a todas as pessoas. Nesse sentido, a maneira de “pronunciar o mundo”, por parte das classes dominadas – e aqui pensamos nas minorias sociais, como mulheres, lésbicas,

negras, bissexuais, transexuais –, demanda sua organização revolucionária para a abolição das estruturas de opressão (Freire, 1978, p. 50). Ora, a maneira como a mídia apresenta as mulheres ou não as apresenta, assim como e em especial não apresenta mulheres lésbicas, negras, bissexuais e transexuais, faz com que seja ainda mais necessária a leitura crítica dos meios de comunicação – o que no Cine Sapatão e Roda LesBi foi feito a partir do cinema –, para que essa opressão, com base no silenciamento, seja quebrada – pela fala, pela reflexão, pela ação em conjunto. Afinal, “existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de duvidar, de criar, de recriar, de comunicar-se” (p. 66).

Ainda em *Ação cultural para a liberdade*, Paulo Freire (1978, p.80) escreve que homens e mulheres “devem adequar sua ação às condições históricas, realizando o possível de hoje para que possam viabilizar amanhã o impossível de hoje”. Aqui entendemos que se antes havia mais dificuldade para a reflexão e debate sobre determinados temas, na atualidade, a partir da construção pelas ações de Pesquisadoras, Educadoras e do Movimento Social Popular, temos condições e realizamos pesquisa, ensino e extensão em prol da cidadania ativa e democrática de todas as pessoas, em especial das mulheres lésbicas, negras, bissexuais e transexuais. Os enfrentamentos se dão e continuamos essa construção em prol da cidadania de todas e por uma sociedade democrática.

Além do Cine Sapatão e Roda LesBi, focalizados neste artigo, o projeto contou com outros tipos de atividades, as quais a seguir são nomeadas e descritas. Cumpre destacar que são atividades que colocaram em diálogo variadas instâncias políticas e múltiplas searas de militância. A seguir, serão citadas e descritas algumas das principais atividades do projeto:

O evento Combate à LGBTIfobia teve uma programação contando em torno de dez horas com rodas de conversas, aula pública, apresentações musicais e panfletagem em uma praça da cidade de Juiz de Fora, tendo sido atividade planejada e realizada em parceria com o Centro de Referência em Direitos Humanos de Juiz de Fora (CRDH-JF) e os coletivos Vozes da Rua, Visitrans, Maria e Candaces. Além desse evento coletivo e que tomou o Grupo como um todo, houve a participação das integrantes do Flores Raras em outros eventos, como o Dialoga Direitos Humanos, o Fórum Regional de Governo, a Mesa “Acesso e Permanência das Lésbicas na Universidade”, a Visita à Casa de Direitos Humanos de Belo Horizonte, a Visita ao Sítio da FETAEMG (Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado de Minas Gerais), Dia de Vivência na Cidade Administrativa de Belo Horizonte, com diálogo em especial com a Secretaria de Direitos Humanos, Cidadania e Participação Social, à época em que Nilmário Miranda a comandava, ao lado de variados movimentos sociais. Foram ainda eventos com a participação de integrantes do Flores Raras, no âmbito do projeto de extensão descrito, a Parada LGBT de Belo Horizonte, o Seminário Internacional Fazendo Gênero, em Florianópolis, a Roda de conversa Lesbianidades Feministas, em Salvador, a Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e o Seminário Regional de Inclusão, Diversidades e Relações Étnico-Raciais, ambos em Juiz de Fora.

Como ação com especial destaque, cumpre também sublinhar que foi realizada a Campanha de Visibilidade Lésbica, com banners com fotografias de mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais da comunidade da UFJF. Junto às fotos e a identificação de cada uma de acordo com sua sexualidade e atuação (professora, aluna ou servidora), apareciam os dizeres, “Somos todas lésbicas”, numa perspectiva de solidariedade entre as mulheres de todas as sexualidades com

a causa das mulheres lésbicas. Dentro dessa Campanha de Visibilidade Lésbica, foi produzido um vídeo institucional que reunia elementos cotidianos de mulheres que atuam na UFJF na docência, como alunas de graduação e pós-graduação e como técnica administrativa, mostrando que essas mulheres estão presentes em várias frentes na universidade e que também constroem a excelência universitária. Também foi feito, pelo Grupo Flores Raras e divulgado pela Universidade, um texto sobre a história do Dia da Visibilidade Lésbica e a importância do respeito às mulheres lésbicas. Além disso, as coordenadoras do Projeto fizeram explicações sobre a Campanha de Visibilidade Lésbica em um evento cultural, promovido pela Reitoria da UFJF, na praça central da Universidade, e participaram de reunião do Conselho de Graduação, o Congrad, colegiado deliberativo que reúne coordenadoras/es de todos os cursos de graduação da universidade.

Figura 1: Banner com todas as participantes da Campanha



Fonte: site da UFJF

Realizados em diferentes espaços da UFJF e também no Centro de Referência em Direitos Humanos de Juiz de Fora, o Cine Sapatão e Roda LesBi contou com seis sessões de cinema sucedidas de debates, sempre dialogando a partir do que era abordado nas obras, em ação característica de cineclube. Dentre elas, foram exibidos cinco filmes de longa-metragem e uma web série, ou seja, uma série desenvolvida para internet.

Na primeira sessão foi exibido o filme *Desejo Proibido* (Dirigido por Anne Heche, Jane Anderson, Martha Coolidge, EUA, 2000), filme que acompanha um trecho da vida de mulheres lésbicas que habitaram a mesma casa em décadas diferentes: anos 1960, anos 1970 e anos 2000. O filme aborda temas que são alvo de discussão e direitos pelos quais mulheres lésbicas têm lutado, como os direitos patrimoniais compartilhados, a participação no movimento feminista e os direitos reprodutivos.

Na segunda sessão, foi exibido o filme *Eu e Ela* (Dirigido por Maria Sole Tognazzi, Itália, 2015), onde a temática da bissexualidade e sua relação com a lesbianidade aparecem. Também foi possível discutir através desse filme a influência da pressão social e da heterossexualidade compulsória na vida das mulheres, ao perceber aqui o termo compulsório como a presunção e obrigatoriedade de a mulher ter de se colocar e ter de ser percebida continuamente como sujeito

que desejaria e amaria homens, não sendo previsto, desta forma, jamais que ela assuma seu lugar enquanto mulher que ama e deseja outras mulheres frente à sociedade.

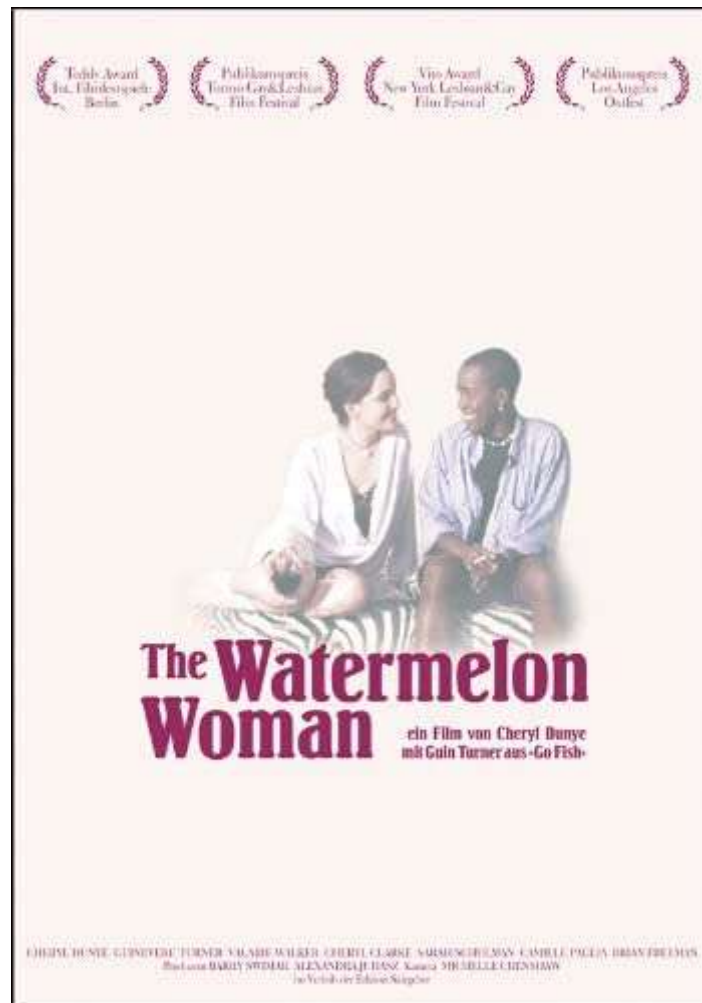
Na terceira sessão foi exibida a série *Her Story* (Dirigida por Sidney Freeland, EUA, 2016), série com 6 episódios cuja duração varia entre 8 e 12 minutos. A série foi realizada através de financiamento coletivo, que teve contribuição de pessoas de 22 países diferentes⁷. A narrativa aborda o relacionamento entre Violet e Allie, sendo elas, respectivamente, uma mulher transexual e a outra cisgênera. Através dessa peça é possível discutir as vivências das identidades de gênero aliadas à orientação sexual.

A quarta sessão do Cine Sapatão exibiu o filme *O Par Perfeito* (dirigido por Rose Troche, EUA, 1994), considerado um dos primeiros realizados dentro de uma comunidade lésbica e feito também tendo como público-alvo essas pessoas. Citando-o no documentário *A Fabulosa história do cinema queer* (dirigido por Lisa Ades e Lesli Klainberg, EUA, 2006), a roteirista Guinevere Turner, que também protagoniza o filme, afirma que um feito do filme é pensar a vida de lésbicas além do ato conhecido como “sair do armário”. O celebrado filme abriu as portas, que até então estavam lá apenas para os homens gays e brancos no New Queer Cinema, para a realização de filmes como *A Incrível História de Duas Garotas Apaixonadas* (dirigido por Maria Maggenti, EUA, 1995), *The Watermelon Woman* (Dirigido por Cheryl Dunye, EUA, 1996) e *All over Me* (Dirigido por Alex Sichel, EUA, 1997).

Em sua quinta sessão, o foco do Cine foi o filme *The Watermelon Woman* (EUA, 1996), dirigido por Cheryl Dunye, que também o protagoniza. Cheryl relata as aventuras de uma mulher negra e lésbica vivendo na cidade da Filadélfia, enquanto, paralelamente, realiza um documentário sobre uma atriz de cinema que atuou na cidade nos anos 1930, conhecida como Mulher Melancia. O filme possibilita discussões que justapõem temas como a metalinguagem, a dificuldade da realização de filmes com protagonismo LBT e, sobretudo, as intersecções desses com as questões raciais.

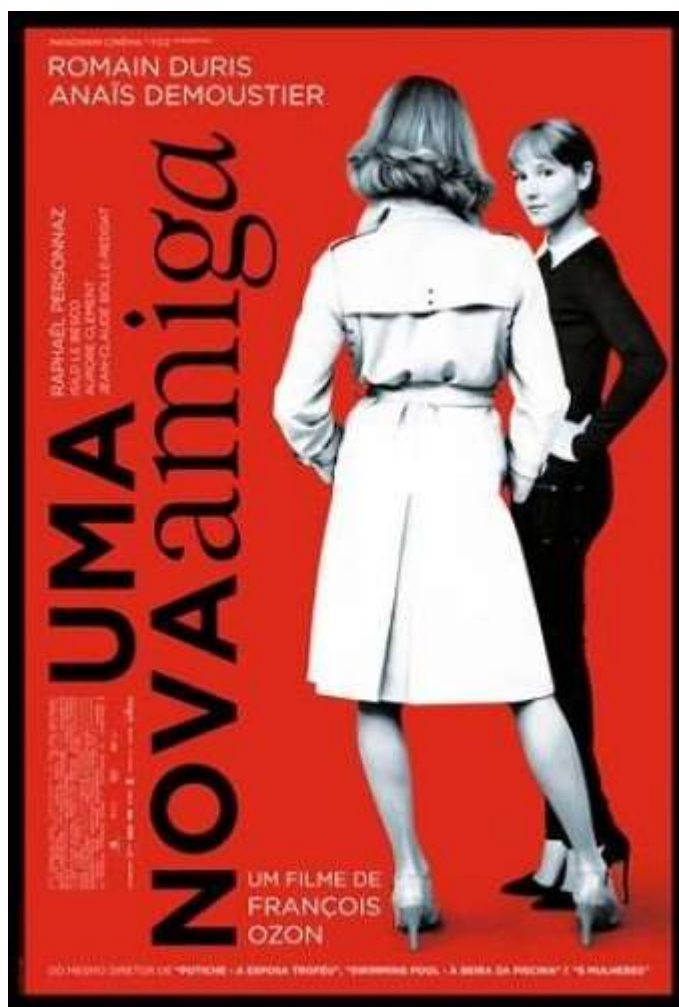
⁷Informação disponível em <http://www.herstoryshow.com/>. Acesso em 10 set. 2019

Figura 2: Cartaz do filme *The Watermelon Woman*, exibido no Cine Sapatão



Fonte: Material de Divulgação

Na sexta e última sessão foi exibido o filme *Uma Nova Amiga* (dirigido por François Ozon, França, 2014), que narra o envolvimento entre Claire, uma mulher cisgênera e Virginia, uma mulher no processo de vivência e transição de sua transexualidade. A sessão contou com a participação da convidada especial Gisella Lima, Conselheira Estadual da Mulher do Estado de Minas Gerais, mulher transexual e ativista que, após compartilhar suas experiências e suas vivências identitárias, foi convidada a compor o grupo Flores Raras, ao que aceitou.

Figura 3: Cartaz do filme Uma Nova Amiga, exibido no Cine Sapatão

Fonte: Material de Divulgação

Ao passar a dialogar com o grupo e a integrar o Flores Raras, Gisella Lima se torna exemplar do conceito de diálogo delineado por Paulo Freire, onde a interlocução dos sujeitos torna comunicação o que era previsto apenas como extensão. Como já citado, e não será demais repetir, para Paulo Freire (1977, p. 69), “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Em razão disso, o autor responde negativamente ao termo “extensão”, preferindo utilizar “comunicação”.

Nesse sentido, a ativista dos movimentos da área de Saúde e Direitos Humanos e militante feminista e LGBT, Gisella Lima é exemplar da dinâmica estabelecida pelo Cine Sapatão e Roda LesBi – também chamada LesBiTrans – com diversas mulheres LBT que participaram da iniciativa, dialogando ao longo de todas as sessões. Trata-se de concretizar o que assevera Paulo Freire, de modo a integrar e fazer pares interagirem, no escopo das ações do Grupo de Pesquisa e Coletivo Flores Raras, no fechamento de um ciclo de sessões do Cine Sapatão e Roda LesBi e, conseqüentemente, na abertura de novos horizontes de ação, interlocução e encontro de sujeitos, estes que se desejam pares, na direção de construções democráticas.

CINE SAPATÃO E RODA LESBI: DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO

Na obra de Paulo Freire, e, portanto, no presente artigo, diálogo é um conceito que aparece com centralidade para acionar práticas que desafiem uma concepção bancária de educação, ou seja, se desassociam do entendimento de que educadoras/es depositam conhecimento nas/os educandas/os. Cláudia Lahni (2005, p.31) relaciona essa concepção com o que ocorre com os meios de comunicação de massa, colocando as classes populares, as minorias sociais no silêncio.

Paulo Freire (1981, p. 49) afirma que as massas populares vivem a “cultura do silêncio”. Em geral, na mídia massiva, as pessoas não podem manifestar suas opiniões e anseios, não têm liberdade de expressão porque estão diante de uma realidade opressora e de um sistema que não incentiva a participação na comunicação. Para o autor, na sociedade de massa quem dita as regras diariamente são os meios de comunicação. Em consequência disso, o indivíduo se perde porque não precisa se arriscar, já que tudo parece ser pré-fabricado. É nesse âmbito que refletimos sobre o trabalho conjunto da comunicação e educação, em busca da liberdade de expressão e cidadania plena e democrática.

Ainda quanto à “cultura do silêncio”, pensamos na ausência das lésbicas, bissexuais e transexuais no cinema. Por vezes, quando essa presença ocorre, percebemos a ausência de debates ou mesmo local de exibição, sendo o Cine Sapatão e a Roda Lesbi lugar de diálogo e contramão da falta de espaços para essas mulheres, a respeito do quanto é importante se refletir e ter registros, em especial considerando-se o atual momento político do país, que inclui censura ao cinema, corte de verbas da Educação e ameaça aos direitos das mulheres e da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros).

No livro *Pedagogia do Oprimido*, o autor situa a dialogicidade como essência mesma da educação como prática da liberdade. Nessa obra, aparecem como elementos constitutivos do diálogo o amor, a fé, a confiança, a humildade, a esperança e a criticidade. Já a práxis e a pronúncia estariam sempre presentes em sua ocorrência (GALLI e BRAGA, 2017, p.165). Paulo Freire descreve o diálogo como a relação que se estabelece entre as pessoas atravessando as práticas na realidade. Não seria, então, um simples encontro dual, mas uma relação que, fazendo uso da palavra, se expande e é mediatizada pelo mundo:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silêncios, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, porém de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987, p.44)

A palavra, constituinte fundamental do diálogo, estaria posicionada no encontro das dimensões da prática e da reflexão, compondo a práxis, e seria objeto de partilhar essas ações através das quais as pessoas podem modificar o mundo como ele se apresenta. O diálogo não seria simples troca de informações já solidificadas entre indivíduos, ou o embate retórico, mas a criação destes em conjunto, que não se posicionariam em lados opostos, mas se uniriam num ato de construção e reconstrução da palavra.

Para o autor, o diálogo só é possível enquanto ato de amor, não sendo possível em situações em que se exprime o sadismo da dominação. Não pode também ser ferramenta de manipulação, mas ato que depende da humildade e se torna gerador de outros atos de liberdade:

[...] não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 1987, p.45)

E é em condições em que um diálogo verdadeiro seja estabelecido que ocorre a educação libertadora. Nesses termos, o diálogo é uma relação que floresce longe das hierarquias, entre pessoas comprometidas com um pensar transformador para o mundo. As relações estabelecidas são o motor do conhecimento, que não é a transmissão de conhecimento pronto e hermético, mas processo constante de pensamento partilhado entre os humanos e o mundo. É nesse sentido que se pensou e se realizou o Cine Sapatão e Roda LesBi, promovendo diálogo, fortalecendo identidades e cidadania de mulheres lésbicas, negras, bissexuais e transexuais.

Pedagogia da Esperança (1997) e *Aprendendo com a Própria História* (2013) são outras obras do autor onde o diálogo também aparece marcadamente. Há, nestes livros, encontros e diálogos que o educador teve e que favoreceram seu pensamento e suas elaborações, compartilhamento de memórias dele próprio. Em uma passagem específica deste último, em que recorda sua trajetória de educador dialogando com Sérgio Guimarães, Paulo Freire declara o seguinte, ao narrar uma refeição:

Enquanto eu comia o meu pedaço de frango me lembrava do momento anterior, dramático e profundamente estético. Mãos que se procuravam no ar para se transferir um pedaço fundamental de vida na perna assada de uma galinha. E pensei que, se fosse cinegrafista, um dia inventaria uma situação dessa só para fazer um close das mãos se procurando. (FREIRE; GUIMARÃES, 1987, p. 70)

Para Aristóteles Berino (2017), a intuição de Paulo Freire remete ao pensamento de como refletimos sobre a experiência e em como nossa percepção dela não é forjada apenas na correlação com outras pessoas, ou com o mundo, mas também em como convivemos com as imagens. Pensar imagetivamente seria um método de focar em determinados assuntos, no caso específico a solidariedade, ser metáfora e ao mesmo tempo alcançar inigualável certeza:

Entre outras expressões visuais, o cinema nos dá formas de ver e compreender a realidade participando das nossas idealizações sociais, das nossas utopias. Assistimos filmes e com a linguagem do cinema também nos expressamos, imaginária, artística e politicamente. (BERINO, 2017, pp.189-190)

Encontramos aqui um segundo elemento de interesse para esse trabalho, o cinema, que tem uma íntima conexão com a ideia de diálogo já citada. As artes e a preocupação estética aparecem em vários momentos na obra de Paulo Freire. Em *Pedagogia da Esperança*, o autor cita Chaplin, salientando a crítica que o diretor fez aos modos de produção, ao discutir a tecnologia, os avanços e riscos com que ela se relaciona (FREIRE, 1997, p.68). Essa passagem expõe não somente o caráter ilustrativo que a linguagem cinematográfica pode ter, mas trata o filme como um potencializador do diálogo, como elemento que pode instigar a reflexão sobre o próprio fazer e existir em sociedade.

Ao pensar o diálogo, fundamental ao conhecimento e que pode ocorrer em situações de igualdade, fica evidente que enquanto meio de comunicação de massa fortemente influenciado por normas frequentemente expressas em ideais de “boa feminilidade”, conforme afirma a teórica feminista Geneviève Sellier (VEIGA; SILVA, 2014, p.347), o cinema não surge constantemente como fonte de representação para mulheres LBTs em sua expressão *mainstream*⁸.

Sérgio Guimarães afirma:

Uma das principais consequências da expansão dos meios de comunicação de massa recai sobre seus conteúdos: para atingir um número maior de pessoas de distintas categorias sociais busca-se a programação que satisfaça a um gosto médio. Por outro lado, o fato de que os consumidores recebam padronizadamente as mesmas informações leva os menos avisados a preverem uma progressiva padronização de comportamentos e mentalidades. (FREIRE; GUIMARÃES, 2013b, p.96)

Tratando de outra natureza de obra audiovisual, as séries, as poucas aparições de personagens lésbicas, bissexuais e transexuais são descritas por Cláudia Lahni e Daniela Auad (2018, p. 14) como a *pièce de résistance* da democracia, “uma vez que as especificidades das discriminações com as quais convivem e as exclusões às quais são submetidas podem ser utilizadas como marcadores da cidadania que ainda não alcançamos.”

Além do fator de representatividade que essa experiência envolve, a instituição do Cine Sapatão e Roda LesBi desempenha um importante papel na composição de um espaço percebido como seguro para falar das vivências LBTs, assim como um lugar de afeto, mesmo a partir da exibição, uma vez que essa, conforme descreve Josimey Silva,

Transcende a significação ao trazer a biologia para o foco do contato. Os corpos, que são convidados a se ignorar reciprocamente, também são instados a cooperar numa fruição que necessita ser coletiva para ser mais eficaz, e isso tanto do ponto de vista comercial quanto no aspecto do contágio emocional que intensifica a vivência afetiva característica do cinema (SILVA, 2012, p.50)

Isso ocorre, ao se planejar e se viabilizar tal espaço de vivência afetiva, com a participação na organização e na construção de conhecimentos sobre a existência das mulheres LBT e sobre os feminismos. As organizadoras do Cine Sapatão e Roda LesBi também representam mulheres que passaram por esses processos e, tanto ao promovê-los quanto ao participarem deles, fortaleceram e foram fortalecidas por aprendizagens, as quais se propagam na produção acadêmica e em outras tantas searas da vida dessas mulheres e das pessoas ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONSTANTES SOBRE EMANCIPAÇÃO

No encontro entre a comunicação e a educação, especialmente dialogando sobre cinema, as pesquisadoras Fabiana de Amorim Marcello e Rosa Maria Bueno Fischer nos apresentam três dimensões relevantes para a constituição de pesquisas que unam essas áreas. Primeiramente, a linguagem fílmica específica; em seguida, os sujeitos envolvidos nas obras fílmicas - quem é seu público, de quem ele fala? -; e, por fim, “interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenções com

⁸Termo utilizado para descrever o cinema produzido com propósitos preponderantemente comerciais e voltado a agregar o maior público possível.

o cinema, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente.” (MARCELLO e FISCHER, 2011, p. 506). E completam:

Ao tratarmos os filmes com essa generosidade do olhar, trazemos para os espaços educacionais (em todos os níveis, da pesquisa científica em pós-graduação às práticas de formação de professores ou de educação infantil) um modo particular de discussão da história presente; chamamos a atenção para a amplitude dos gestos humanos necessários neste tempo – seja como abertura a novos repertórios, seja como experimentação de formas diferenciadas de linguagem audiovisual, seja ainda como exigência de posicionamento ético quanto a fatos cotidianos, sociais, culturais ou políticos a que somos expostos ou dos quais nós mesmos somos muitas vezes até protagonistas. (MARCELLO e FISCHER, 2011, p. 510)

O projeto aqui abordado se concentra principalmente nos segundo e terceiro aspectos descritos pelas autoras do texto citado, tratando especificamente de mulheres LBT e pensando sua condição pela ótica de uma prática pedagógica utópica, nos termos que define Paulo Freire: “utópica porque, não “domesticando” o tempo, recusa um futuro pré-fabricado que se instalaria automaticamente, independente da ação consciente dos seres humanos.” (FREIRE, 1987, p.59).

Nas ações do Cine Sapatão e da Roda LesBi, do modo como previa Paulo Freire, a palavra, convocada pela exibição e debate dos filmes, foi constituinte e fundamental do diálogo. Exibir, debater e transformar foi uma tríade posicionada para potencializar o encontro das dimensões da prática e da reflexão, compondo a práxis. Os filmes exibidos foram o foco, o objeto de partilha, a partir dos quais as participantes puderam exercitar o diálogo não apenas como simples troca de informações ou como embate retórico, mas, sobretudo, como a criação de um espaço de construção e reconstrução da palavra, e, portanto, um espaço de encontro e de subjetivação das mulheres, como indivíduos e como grupos.

Este artigo assume, como postulou Paulo Freire, o diálogo como ato de amor, não sendo possível em situações em que se exprime o sadismo da dominação. Nesse sentido, o diálogo não poderia ser, portanto, ferramenta de manipulação, mas ato que pressupõe humildade e se torna gerador de outros atos de liberdade. Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas foram direcionadas à percepção e reflexão das identidades geralmente invisibilizadas das mulheres LBTs. Foram debates cuja temática se centrava na discussão do lugar que elas ocupam na sociedade, geralmente diferente e desigual em relação daquele em que se pode estar, e, ainda, daquele que se pode construir. Essas questões foram fundantes para o projeto de extensão tematizado no presente artigo, especialmente nas feições do Cine Sapatão e da Roda LesBi. Estas ações de extensão continuam reverberando, nos pensamentos e práticas das mulheres que estiveram naquele espaço, assim como em pesquisas de Mestrado, de Doutorado e na criação de outras iniciativas para exhibir, debater e transformar.

As palavras, os debates e as posturas das mulheres, como atrizes ou como espectadoras, como participantes ou como organizadoras dos eventos, seguem se multiplicando, sob a forma de fortalecimento, resistência, clamor por liberdade e, cada vez mais, como expressão de vozes até então silenciadas. Nossas vozes seguem nas telas e fora delas, nas salas de aula das universidades, nos meios de comunicação, nas linhas do texto que agora se encerra, um texto que é como um abraço carregado da certeza do reencontro pelas letras, pelas telas, pela vida onde quer que ela possa permanecer.

REFERÊNCIAS

ALL over Me. Alex Sichel, EUA, Baldini Pictures, 1997. 1 DVD.

AUAD, Daniela, Silva, Janaina. & Roseno, Camila. Gênero na educação básica brasileira. ETD - **Educação Temática Digital**, v. 21, n.3, 568-586. disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654669>. Acesso em 02 set. 2019.

BERINO, Aristóteles de Paula. **Paulo Freire Esteta: Arte, Fotografia e Cinema. e-Mosaicos**, v. 6, n. 13, p. 182-192, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/30478>. Acesso em 2 set. 2019.

BRASIL. **Constituição Federal.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 set. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 2 set. 2019.

COGO, Denise Maria. **No ar... uma rádio comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

COLETIVO LGBT MTST. **Impactos da pandemia na população LGBT.** MTST. 05/06/2020. Disponível em: <mtst.org/noticias/coletivo-lgbt-mtst-impactos-da-pandemia-na-populacao-lgbt>. Acesso em 2 de setembro de 2020.

COSTOLLI, Anderson. Número de LGBTs assassinados no Brasil cresceu 10,1% entre 2017 e 2018. **Metrópoles**, Brasília, 10/09/2019. <https://www.metropoles.com/brasil/direitos-humanos-br/numero-de-lgbts-assassinados-no-brasil-cresceu-101-entre-2017-e-2018> - acesso em 22 set. 2019.

DESEJO Proibido. Jane Anderson; Martha Coolidge e Anne Heche, EUA, HBO Films, 2000, 1 DVD. Título original: If These Walls Could Talk 2.

EU e ela. Maria Sole Tognazzi, Itália, Indigo Film, 2015. 1 DVD. Título original: Io e Lei.

FABULOSA. História do cinema queer, a. Lisa Ades& Lesli Klainberg, Orchard Films, 2006, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=beo4I6DmuuY>. acesso em 01 set. 2019. Título original: Fabulous! The Story of Queer Cinema.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos.** São Paulo: Paz e Terra, 1978, 3 ed.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** - 17ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia [recurso eletrônico]: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

GALLI, Ernesto.; BRAGA, Fabiana. O diálogo em Paulo Freire: concepções e avanços para transformação social. Quaestio - **Revista de Estudos em Educação**, v. 19, n. 1, p. 161-180, 11 maio 2017. Disponível em <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2522>. Acesso em 2 set. 2019.

HER Story. Sydney Freeland, EUA, Speed of Joy, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UkHicPm7C6Q&t=6s>. Acesso em 1º set. 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INCRÍVEL História de Duas Garotas Apaixonadas, a. Maria Maggenti, EUA, Fine Line Features, 1995, 1 DVD. Título original: he Incredibly True Adventure of Two Girls in Love

LAHNI, Cláudia Regina. **Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária Juizforana Mega FM**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2005.

LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Feminismos e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transexuais em série. **Laplage em Revista**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. p.92-108, jan. 2018. ISSN 2446-6220. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/439>>. Acesso em: 1º set. 2019.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 27, n. 2, dez. 2011. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rbpaec/article/view/24770/14361>. Acesso em: 02 set. 2019.

MEDEIROS, José Roberto. **Por que as mulheres sofrem mais nas pandemias?** Contee. 1/06/2020. Disponível em: contee.org.br/por-que-as-mulheres-sofrem-mais-nas-pandemias>. Acesso em 2 de setembro de 2020.

MENDONÇA, Viviane. **Um dia você vai sentir na própria carne: afeto, memória, gênero e sexualidade**. Jundiaí: Paco, 2020.

NOVA Amiga, uma. François Ozon, França, Mandarin Films, 2014, 1 DVD. Título original: Une nouvelle amie.

PAR Perfeito, o. Rose Troche, EUA, Can I Watch, 1994, 1 DVD. Título Original: Go Fish.

SILVA, Josimey Costa. **No limite da traição: Comunicação de massa, cinema e vínculos sociais**. Natal: EDUFRN, 2012.

THE Watermelon Woman. Cheryl Dunye, EUA, Dancing Girl, 1996. 1 DVD.

VEIGA, Ana Maria; SILVA, Alberto da. Estudos de gênero e o cinema francês: entrevista com Geneviève Sellier. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 343-359, Apr. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n1/19.pdf>. acesso em 1º set. 2019.